

NARRATIVAS DE PROFESSORES DE HISTÓRIA: EXPERIÊNCIAS NO ENSINO REMOTO EM ESCOLAS PÚBLICAS E PRIVADAS DE ALAGOAS EM 2020

Stéphany Santos da Silva¹
Ronaldo Alves de Oliveira²
Luiz Henrique de Souza Feitoza³
Sheyla da Silva Farias⁴

RESUMO

Este artigo tem por propósito analisar os pressupostos teóricos-metodológicos utilizados pelos professores alagoanos no ensino de História em escolas da rede pública e privada em 2020. O objetivo desta pesquisa de campo/bibliográfica de caráter exploratória e de natureza qualitativa, tem por finalidade narrar as experiências docentes durante o ano letivo de 2020. Buscamos as bases teóricas em bibliografias de autores como CUNHA (2020), CORDEIRO (2020), CERRI (2007), entre outros, pois expandem pesquisas e análises para o tema aqui apresentado. Esta pesquisa resultou em uma apresentação da realidade vivida pelos docentes da Educação alagoana assim como tratamos das ferramentas tecnológicas utilizadas no ensino-aprendizagem de História.

Palavras-chave: Pandemia, Ensino Remoto, Narrativas, Ensino de História.

INTRODUÇÃO

Uma questão sempre permeou no meio educacional: a tecnologia poderia substituir o professor? Em 2020, durante a pandemia do Sars-CoV-2 (Covid-19), descobrimos a resposta: Sem o docente não é possível ter uma educação de qualidade em um cenário com aulas remotas. Vimos então as tecnologias educacionais e os docentes trabalhando em conjunto e o professor se tornou um mediador essencial. O Sistema de Educação foi obrigado a transformar seus métodos de ensino. Tanto as escolas públicas quanto as privadas, desde as tradicionais as modernas, tiveram que aderir às tecnologias.

¹ Graduanda em Licenciatura Plena em História pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL) - stephany.silva@delmiro.ufal.br

² Graduando em Licenciatura Plena em História pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL) - ronaldo.oliveira@delmiro.ufal.br

³ Graduando em Licenciatura Plena em História pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL) - luiz.feitoza@delmiro.ufal.br

⁴ Mestre em História pela Universidade Federal da Bahia, Professora do Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) - sheylafarias@yahoo.com.br

Sem nenhum preparo, e muitas vezes sem o material tecnológico básico, os docentes se esforçaram para que o ano de 2020 não fosse desperdiçado e o impacto causasse menos danos. Através de sites e aplicativos educacionais (ex.: Google Classroom) e de comunicação (ex.: WhatsApp) as aulas ocorreram de maneira remota. Mesmo com todas essas mudanças e dificuldades os discentes não ficaram totalmente desassistidos.

O objetivo deste artigo é analisar as implicações da pandemia do coronavírus no mundo educacional, em especial no ensino de História. Extraíndo, através de entrevistas, informações sobre as experiências docentes, apresentando quais tecnologias/ferramentas foram utilizadas para o ensino remoto de História.

Visando a necessidade de relatar esse processo, temos o intuito de compartilhar narrativas das experiências docentes no ensino remoto em Alagoas, para traçarmos um panorama da situação educacional em que estamos inseridos e identificar as técnicas utilizadas que tiveram resultados positivos.

Entre março e abril de 2021, foram entrevistados dez professores de História de escolas públicas e privadas de diferentes municípios do estado de Alagoas, ouvimos as experiências que o ano de 2020 proporcionou para Educação e suas perspectivas pessoais. Esse material foi coletado para fins de pesquisa no Programa de Residência Pedagógica em História da PROGRAD/UFAL/CAPES.

Vale salientar que o ensino remoto em 2020 foi adotado em caráter de urgência a fim de não prejudicar os discentes em seu desenvolvimento educacional, ao mesmo tempo evitando uma distorção entre idade e série escolar. Desse modo, está muito distante de ser o ideal, pois “é um arranjo circunstancial de emergência, longe de atender as demandas de uma proposta educacional que garanta o acesso, permanência e possibilidades satisfatórias de aprendizagem”. (CUNHA, 2020, p. 34).

A garantia de acesso as aulas remotas é um problema evidente. Nesse contexto, a desigualdade social se escancara (DIEGUEZ, 2020), provocando dificuldades, tanto no acesso a aparelhos eletrônicos que são essenciais, visto que sem eles não é possível conectar-se a internet, assistir as aulas, ter contato facilitado com o professor; como pelo tempo reservado para o estudo do discente, que fica dividido entre afazeres domésticos e/ou trabalho para complementação da renda familiar. Sendo assim, é de fundamental importância refletirmos tanto sobre a necessidade de popularizar e universalizar o acesso à tecnologia digital, quanto o acesso à internet, tendo vista a precariedade exposta diante da pandemia do Sars-Cov-2.

Todavia, não devemos crer que a discussão acerca do ensino remoto se resume apenas a ter, ou não ter acesso à internet e/ou aparelhos eletrônicos, esta modalidade de ensino deve se preocupar com outras particularidades, de acordo com Martins:

A educação on-line não é compreendida exclusivamente pelas tecnologias digitais. Também é amparada pela interatividade, afetividade, colaboração, coautoria, aprendizagem significativa, avaliação adequada, mediação docente implicada, relação síncrono-assíncrono, entre outros, buscando a visão de que aprendemos qualitativamente nas trocas e nas construções conjuntas. (2020, p. 222).

Entendendo a necessidade da formação continuada, ao qual os professores deveriam ser submetidos, uma vez que a LDB (Lei de Diretrizes de Base da Educação Nacional) garante isso no seu art. 62, Caleion e Brito descrevem a importância dessa formação, principalmente agora diante de uma pandemia, que modificou toda uma rotina, tanto de aulas, como também de materiais utilizados em sala de aula.

Portanto, eles entendem que é “Necessário considerar a formação inicial e continuada dos professores, assim como as condições de trabalho e a valorização social dada ao trabalho do professor” (CALEION; BRITO, 2020, p. 296). Mas como vemos ao decorrer das narrativas apresentadas⁵, grande parte dos esforços para essas capacitações, nesse novo contexto, foi um esforço individual do professor.

Diante da pressão que os docentes passaram durante o período pandêmico de 2020 os professores se viram obrigados a revisar o material didático, tornando ele mais acessível, lúdico e intercultural. De acordo Maddalena, Couto Júnior e Teixeira os professores:

Têm dedicado parte de suas rotinas diárias a produzir materiais didáticos voltados para a formação das (os) estudantes que permanecem em casa em tempos de quarentena, mas nem sempre esse tipo de material é capaz de tornar os processos de ensinar-aprender dinâmicos e interessantes (2020, p. 1526).

As adaptações ao mundo digital são narradas por Karoline Cordeiro, muitos professores não utilizavam a tecnologia para as suas aulas, e por conta da pandemia, tiveram que se adaptar, sendo assim, a autora afirma que os docentes tinham:

Pouco ou nenhum contato com tecnologia precisaram começar a planejar aulas mediadas por telas junto a seus coordenadores pedagógicos, ao mesmo tempo em que descobrem sobre o funcionamento de ferramentas tecnológicas. (CORDEIRO, 2020, p. 6).

Relata ainda as consequências de se manter em um isolamento forçado e involuntário, pois pode trazer inúmeros problemas de saúde tais como “Ansiedade e depressão” (CORDEIRO, 2020, p. 8). Indo muito além, podemos analisar também um grande problema financeiro onde inúmeras pessoas perderam seus empregos, tendo em vista o fechamento das indústrias e até mesmo do comércio.

⁵ Ver resultados e discussões.

METODOLOGIA

Orientados pelos pressupostos teóricos-metodológicos de Mehiy e Holanda (2007), os integrantes do Programa de Residência Pedagógica em História (UFAL/Campus do Sertão) e com a supervisão da docente orientadora Sheyla Farias Silva, realizaram entre os meses de março e abril de 2021, uma série de entrevistas com docentes da rede pública e privada dos municípios de Delmiro Gouveia, Pariconha, Piranhas, Inhapi, Penedo e Maceió, todos no estado de Alagoas. Após algumas reflexões, chegamos ao seguinte questionamento: Como os professores de História lidaram com as adversidades do ano de 2020?

Com a finalidade de analisar a temática proposta e de cumprir o objetivo desta pesquisa de campo/bibliográfica, de caráter exploratória e de natureza qualitativa, atentamos para a importância da consciência histórica. Consideramos ainda, o contexto social no qual estamos inseridos, sendo os professores agentes e narradores do processo histórico cotidiano, visto que, de acordo com Cerri, ao parafrasear Karl Marx: “Os homens fazem a sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, ligadas e transmitidas pelo passado”. (2007, p. 93).

Seguindo a cartilha de Bloch, entendemos que é necessário ouvir o que os personagens principais dessa narrativa tem a dizer, que no ofício de historiador é imprescindível adotar um caráter:

Explorador da crista da atualidade, ponho-me a sondar a opinião pública sobre os grandes problemas do momento; faço perguntas; anoto, confiro, recenseio respostas. O que me fornecem elas senão, mais ou menos inabilmente expressa, a imagem que meus interlocutores formam do que acreditam eles mesmos pensar ou aquela que pretendem me apresentar de seus pensamentos? Eles são os sujeitos de minha experiência. (2001, p. 70).

Sendo assim, primeiramente foi feito a seleção das entrevistas a serem utilizadas como centrais na pesquisa, concomitantes com as leituras e análises das contribuições de diversos autores para o tema de estudo. De modo, que cotejamos entrevistas com a bibliografia consultada, a fim de compreendermos as experiências desses docentes no ano letivo de 2020.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como já mencionamos, a pesquisa objetivizou identificar as diferentes práticas do ensino de História adotadas pelos docentes em pelo menos uma escola dos respectivos municípios alagoanos: Delmiro Gouveia, Pariconha, Piranhas, Inhapi, Penedo e Maceió,

atentando-se as dificuldades enfrentadas e os procedimentos metodológicos utilizados durante o ano letivo de 2020, ouvimos as narrativas de dez professores⁶ que se dispuseram a compartilhar suas experiências ao lecionar na modalidade de ensino remoto durante a pandemia; afim de preservar suas identidades utilizaremos apenas as iniciais de seus nomes para identificá-los.



É evidente que existem distinções metodológicas entre a escola pública e particular, inclusive as diferenças socioeconômicas.

É comum entre os profissionais docentes a queixa acerca do uso das ferramentas on-line, o despreparo e a falta de familiaridade com os smartphones e notebooks. Afirmam que foram pegos de surpresa e buscaram cursos no uso de equipamentos eletrônicos, como os já citados, ao decorrer do ano letivo de 2020. A professora A. F. S. que lecionou na cidade de Piranhas, por exemplo, explica como se preparou para esta realidade:

Buscando incessantemente por cursos de capacitação. Eu aproveitei muito esse momento de pandemia pra tirar tempo pra buscar cada vez mais conhecimento, principalmente ao ensino remoto e o uso das ferramentas tecnológicas. Você precisa se adaptar a isso, e o conhecimento quando você busca, ele vem para facilitar todo esse acompanhamento. Então eu pesquisei muito. Eu participei de muitos cursos, mesmo on-line. Eu busquei me inteirar da tecnologia pra facilitar o meu transmitir pedagógico (A. F. S.).

Outro exemplo é o da professora C. R. G. que vivenciou duas realidades: pública e privada, em Delmiro Gouveia, ela relata que também precisou se adequar para conseguir lecionar no ensino remoto do ano de 2020 e sobre métodos adotados para os alunos com dificuldade ou nenhum acesso:

Então no caso, é eu como professora me refiz, busquei conhecer mais sobre a tecnologia, é como eu já comentei eu coloquei muitas vezes a adequação dos meus

⁶ Salientamos que todos os professores entrevistados são, necessariamente, graduados em História e atuaram em diferentes turmas de Ensino Fundamental anos finais e Ensino Médio.

celulares, celular que no caso fosse mais potente, notebook. Passei no caso a utilizar aplicativos, a estudar esse aplicativos, só que tudo isso era insuficiente sendo que meu aluno não tinha a tecnologia que era a base, o celular e a internet. Tá entendendo? Então, assim, muito dos meus alunos não estava participando da aula, aí se criou a tática de se criar blocos de atividades que no caso a gente, no caso, mandava para esses alunos que não tinham acesso a tecnologia (C. R. G., 2021).

Outro ponto imprescindível para a discussão foi a dificuldade do acesso a internet e a aparelhos eletônicos que tanto professores e estudantes tiveram. A professora A. F. S. explana que “os alunos da rede privada, eles tinham essa ferramenta [SAS]⁷ ao seu dispor, diferentemente do que a gente vê com os alunos da rede pública, é uma realidade que estou vendo agora” (A. F. S., 2021, grifo nosso). E sobre a escola pública que também leciona, continua dizendo:

Nós temos escolas aqui no município que 80% dos alunos não tem acesso a rede de internet, a celulares para assistir as aulas, para fazer o envio de atividades. Então isso daí dificulta um pouco a aprendizagem. E claro, o contato, a ligação professor e aluno (A. F. S., 2021).

O professor I. A. S. P., fala sobre as estratégias que a escola pública, em que trabalhou, utilizou para contornar o problema de acesso dos estudantes as aulas, no município de Piranhas. Entretanto, reafirma a carência de aparelhos móveis do alunado:

Será que deu certo a minha aula? Será que eles aprenderam? (é) e os outros que não tem esse aparelho como é que fica? Apesar que a escola fez a parte dela, nós mandávamos o material pra escola e eles imprimiam e quem não tinha o celular eles pegavam esse material impresso na escola e depois devolvia na escola e a escola repassava para os professores pra fazer a correção. Então assim creio eu que quem não tinha o celular saíria um pouco perdendo (I. A. S. P., 2021).

Por outro lado, o professor G. P. S., que lecionou em escola da rede privada na cidade de Penedo, mencionou dificuldades na adaptação para o ensino remoto e que 2020 foi um ano de experimentações. Outro problema salientado é o de conexão com a internet que eram frequentes:

O ano de 2020 teve uma série de problemas até porque foi um ano experimental também, (é) tanto para os alunos como pra a gente. Eu não sabia mexer no sistema da escola. Eu entrei, na verdade, na escola não no começo da pandemia, mas no andamento da pandemia, eu entrei em junho, então tive essa dificuldade, porque as aulas já vinham acontecendo anteriormente, mas aos poucos fui me adaptando e fui pegando o ritmo das aulas remotas. [...] A parte mais complicada é a questão da internet, que, como ela cai, acaba... cai tanto a minha, professor, a dos alunos, a gente tem que repetir o conteúdo (é...), então as aulas do ano passado, (inaudível) o rendimento não foi o suficiente (né?), como seria o adequado (G. P. S., 2020).

A realidade metodológica apresentada, em sua grande maioria, fez-se o uso do aplicativo WhatsApp. Fica a dúvida: Como as escolas conseguiram transformar um aplicativo de mensagens instantâneas em uma sala de aula? O professor I. A. S. P. pontua sobre como ele trabalhou com o auxílio dessa ferramenta:

⁷ O sistema em questão é o SAS. O SAS é uma plataforma de educação que oferece soluções completas e integradas para as escolas parceiras.

Fiquei trabalhando via WhatsApp (né) apresentando o material (é) com prints do slide exposto e fazendo áudios e tirando as dúvidas dos alunos toda ela via WhatsApp, tanto (é) o slide enviava quanto também a atividade enviava e eles reenviavam pra mim para que fizesse a correção as minhas anotações. Além dos slides enviava também alguns vídeos curtos (né) para fazer os comentários ou algum questionamento relacionado ao vídeo para que eles respondessem em forma de áudio ou se expressasse (é) da forma escrita também. (I. A. S. P., 2021).

A docente L. F. C., que leciona em uma escola indígena, na cidade de Inhapi, explana sobre o ensino do lúdico envolvendo a cultura indígena da região supracitada, como método de ensino:

[...] nós fizemos por roteiro, o meu roteiro era roteiro lúdico, né, e a atividade lúdica e... voltada à vivência e à cultura. um tema norteador a escola dava aquele tema norteador e através da cultura né e a vivência da cultura a metodologia a gente seguia diante da vivência deles (L. F. C., 2021).

Ao mesmo tempo, a professora que atuou no município de Pariconha, na rede pública, tece críticas a respeito do ano letivo e ao desempenho dos discentes da modalidade de ensino remoto que tiveram dificuldades para se adaptar ao ambiente virtual:

Então, o ano passado, no meu ponto de vista, não é uma boa escolha, porque os alunos que participam das aulas né, pelo menos no ensino remoto são aqueles alunos que se esforçam em sala de aula. Aquele aluno que ele na sala de aula presencial ele mostrava desinteresse, nessas áreas remotas ele nem solicitava pergunta nenhuma, nem nunca tirou dúvida, a gente pedia pra que os colegas conversassem com ele. No final do ano a escola precisou ir atrás desses alunos e mesmo assim teve aqueles que não vieram a escola, que eu creio que esses alunos não foram adiante (R. C. N. C., 2021).

A partir do relato da professora R. C. N. C. podemos constatar que ocorreram evasões nesse período. Além disso, o índice de faltas também foi elevado na escola particular, o que se confirma na fala do professor G. P. S.:

Acho que o rendimento em si foi abaixo do esperado, até porque muitos deles, se fossem aulas presenciais, seriam reprovados por falta. Alguns deles seriam reprovados por falta, mas como não podia (né?), não podia reprovar assim por falta, a gente passou uma atividade final pra que eles pudessem fazer e assim recuperar a pontuação, mas... (é...) Só pela quantidade de faltas já mostra o quanto foi deficitário (G. P. S., 2021).

A realidade socioeconômica também é algo que influencia diretamente nas metodologias avaliativas e na relação entre professor e aluno. O professor J. C. R. S. T. que lecionou em escola pública, fala da necessidade de compreender o drama familiar dos estudantes, os percalços enfrentados que ultrapassam o controle do docente:

Professor que se importa com o emocional, o emocional do aluno então isso modificou também, fica aquele apesar desse distanciamento, faz com que você se torne mais sensível me fez me tornar mais sensível para essa realidade. Essa realidade social que o aluno tem vivido, então muitas vezes, por exemplo, o aluno ele... Ele fala: “Ah professor eu não consegui fazer atividade”. Por quê? “Porque eu tô trabalhando, meu pai ficou desempregado, o auxílio emergencial acabou”. “Eu tive que procurar emprego”. “O senhor aceita a atividade na próxima semana?” Eu vou dizer o quê? Que não? Claro que eu aceito (J. C. R. S. T., 2021).

O revesamento de dispositivos eletrônicos entre familiares foi algo recorrente nesse período, assim como os discentes que não tiveram bom aproveitamento das técnicas utilizadas durante esse momento, como explica A. F. S.:

Porque quando a gente começava as aulas, alguns ligavam as câmeras e diziam: “tia me desculpe porque eu não consigo assistir aula dessa forma.” Por mais que a gente trouxesse uma novidade na aula, por mais que a gente trouxesse um slide pra ser apresentado, um vídeo ou algo desse tipo, tiveram alunos que não se adaptaram realmente aquela situação. O compartilhamento de aparelho era outro problema que a gente tinha, né? O aluno as vezes tinha que compartilhar o mesmo aparelho com os irmãos, alguns tinham que revezar: “Ah, hoje meu irmão assistiu, no outro dia meu outro irmão assistiu (A. F. S., 2021).

Ademais, percebemos que os pais não estavam preparados para o ensino remoto, visto que a participação deles nesse momento é mais do que necessário, para o acompanhamento das atividades de seus filhos. Porém:

Alguns pais não conseguiam fazer esse acompanhamento, porque alguns deles também não tinham o manuseio nas ferramentas tecnológicas. Então tudo foi se adaptando quando a gente viu que a realidade, ela ia permanecer por muito tempo, uns foram se adaptando, no entanto outros não conseguiram essa adaptação (A. F. S., 2021).

Na modalidade de ensino privada houveram ferramentas positivas para manter-se contato e diminuir a distância entre a escola e os pais e responsáveis dos discentes, de acordo com T. R. O. B.:

[...] através justamente dessas plataformas digitais, a gente conversava com os pais, deixávamos um dia certo para ter essa reunião pedagógica, os pais viam se conectavam a essa reunião, esperávamos nessa sala virtual, cada um em sua casa os pais iam entrando e a gente ia conversando sobre o desempenho dos alunos e íamos conversando como se fosse presencialmente (T. R. O. B., 2021).

Mesmo em diferentes cidades do Estado de Alagoas podemos enxergar entre as narrativas apresentadas certas semelhanças, problemas recorrentes, proporcionados também pela desigualdade social. Assim vemos o esforço desses profissionais em fazer com que essa modalidade experimental, que foi o ensino remoto, não fosse um completo fracasso. Percebemos a dedicação do corpo docente, que mesmo com todos os percalços, fizeram o possível pelo ano letivo de 2020.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pergunta que pairava durante o início de 2020 era: como trazer o aluno para a escola sem sair de casa? Em Alagoas, aparentemente, o único método possível seria através das redes sociais. Grupos em WhatsApp se transformaram em salas de aula, os áudios e vídeos garantem a presença do professor, o “on-line” do aluno a sua presença em sala, e a ida e vinda de conteúdos e exercícios em anexos asseguram a continuidade das aulas.

O modelo de aulas remotas é curioso e problemático, não contempla a real necessidade do aluno, muito menos do professor. Com base nas narrativas podemos chegar a conclusão que o ano letivo de 2020 foi uma caricatura dos anos anteriores. A Educação ainda está a procura de um método eficaz para garantir o ensino-aprendizagem dos discentes e um melhor meio de

comunicação que possa alcançar esse ensino de modo equânime e qualitativo. Assim como auxiliar os docentes em seu ofício, entendo a necessidade atual de garantir a continuidade de seu trabalho.

Segundo Pansini; Carvalho e Almeida (2020, p. 2) “Há a percepção coletiva das autoridades, gestores e professores de que a educação não pode parar, com o objetivo de não perdermos o ano letivo. Surge, então, a necessidade da adaptação e da superação por parte de professores e alunos”. As mesmas objeções vindas da escola pública também está na escola privada. A dificuldade de avaliar, atrair o aluno para as aulas, de acompanhá-los nesse processo de aprendizagem, não houve distinção entre as redes já citadas. Pode ser confirmado a partir da experiência de professores alagoanos que atuaram em ambas instituições.

Durante a elaboração deste artigo pudemos compreender melhor a real situação que o ano letivo de 2020 passou. Todo o esforço, principalmente dos docentes para a Educação não parasse; e ela não parou. A passos lentos caminhou buscando uma saída, a melhor alternativa que fosse favorável para as diversas realidades que o alunado e seus familiares estavam, e ainda estão, vivenciando. O ano letivo de 2021 ainda está amarrado ao seu antecessor, não sabemos quando o nó irá desatar. Mas temos a convicção de que os profissionais da Educação estão prontos para enfrentar as dificuldades que virão, dando sempre o seu melhor para o bem da Educação brasileira.

AGRADECIMENTOS

Aos integrantes do Programa de Residência Pedagógica em História da UFAL/CAMPUS DO SERTÃO pela contribuição com as entrevistas realizadas, o que possibilitou a produção dessa pesquisa. Aos professores que se disponibilizaram em apresentar suas narrativas e experiências acerca do ano letivo de 2020 e a docente orientadora Sheyla Farias pela disposição e incentivo para realização da pesquisa.

REFERÊNCIAS

BLOCH, Marc Leopold Benjamin, 1886-1944. **Apologia da história, ou, O ofício de historiador**. Prefácio, Jacques Le Goff; apresentação à edição brasileira, Lilia Moritz Schwarcz; tradução, André Telles. – Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CALEION, Laura Marisa Carnielo; BRITO, Alan de Santana. Entre A Pandemia e o Pandemônio: Uma Reflexão no Campo da Educação. **Revista EDUCAmazônia**. UFAM. Vol XXV, Núm 2, jul-dez, 2020, p. 291-311.

CERRI, Luis Fernando. Os conceitos de consciência histórica e os desafios da didática da história. **Revista de História Regional** 6(2): 93-112, Inverno 2001. 2007.

CORDEIRO, Karolina Maria de Araújo: O Impacto da Pandemia na Educação: A Utilização da Tecnologia como Ferramenta de Ensino. 2020, p. 1-15. Disponível em: <http://repositorio.idaam.edu.br/jspui/handle/prefix/1157>

CUNHA, Leonardo Ferreira Farias da; SILVA, Alcineia de Souza; SILVA, Aurênio Pereira. O ensino remoto no Brasil em tempos de pandemia: diálogos acerca da qualidade e do direito e acesso à educação. **Revista Com Censo** Estudos Educacionais do Distrito Federal, Brasília, v. 7, n. 3, p. 27-37, ago. 2020. Disponível em: <http://www.periodicos.se.df.gov.br/index.php/comcenso/article/view/924>. Acesso em: 03 jul. 2021.

DIEGUEZ, Lucilia. Qual é o lugar da História? Ações, consequências do ensino remoto na cidade do Rio de Janeiro. *In: ENCONTRO NACIONAL PERSPECTIVAS DO ENSINO DE HISTÓRIA - PERSPECTIVAS WEB 2020*, 11. 2020, Ponta Grossa. **Anais [...]**. Ponta Grossa: ABEH, 2020. p. 1-11.

MADDALENA, Tânia Lúcia; COUTO JÚNIOR, Dilton Ribeiro; TEIXEIRA, Marcelle Medeiros. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 05, n. 16, p. 1518-1534, Edição Especial, 2020.

MARTINS, Vivian; ALMEIDA, Joelma. Educação em tempos de pandemia no Brasil: saberes-fazer escolares em exposição nas redes. **Revista Docência e Cibercultura**, [S.l.], v. 4, n. 2, p. 215-224, ago. 2020. ISSN 2594-9004. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/article/view/51026>. Acesso em: 18 jul. 2021. doi:<https://doi.org/10.12957/redoc.2020.51026>.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. HOLANDA, Fabíola. **História oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007.

PASINI, Carlos Giovanni Delevati; CARVALHO, Élvio de.; ALMEIDA, Lucy Hellen Coutinho Almeida: A Educação Híbrida Em Tempos De Pandemia: Algumas Considerações. **Observatório Socioeconômico da COVID-19 (OSE)**. 2020, p. 1-9.